**CARACTERÍSTICAS DO ALUNO EAD À LUZ DA TEORIA**

ALAOR LOPES MENEZES FILHO

DAISY LIMA DE SOUZA SANTOS

**RESUMO**

O presente artigo buscou analisar as principais diferenças no perfil do aluno EAD relacionada ao aluno tradicional à luz da teoria. A Educação a Distância tem sido uma alternativa de ensino/aprendizagem. Ela aparece cada vez mais como uma modalidade de educação adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial. O perfil do aluno EAD encontrado na literatura é caraterizado por alguns fatores que identificam esse aluno: autodisciplina, conhecimento básico em tecnologia, interação com grupos, atuação mais dinâmica e crítica, aluno autônomo, aspectos como a facilidade para desenvolver trabalhos em equipe, a facilidade de adaptação e a mobilidade também são elencados como características de uma geração informal, criativa, independente e inovadora.

**Palavras-chave:** Educação. EAD. Tecnologia

**1 INTRODUÇÃO**

Cada vez mais nos deparamos com um cenário de constantes e rápidas mudanças no mundo moderno. No cenário educacional essa realidade não poderia ser diferente. Neste contexto, as mudanças vêm impulsionadas pela evolução dos meios de comunicação, que alterou de maneira bastante relevante a forma de disseminação do conhecimento, dando origem ao que hoje conhecemos como ensino à distância.

Bowker (2000) conceitua a aprendizagem móvel como o conjunto de processos de aprendizagem que ocorrem necessariamente apoiados pelo uso de tecnologias de informação móveis e que têm como característica fundamental a mobilidade de atores humanos.

Esse modelo de ensino aliado a tecnologia vem sendo desenvolvido nas universidades brasileiras, atingindo um público de alunos de uma nova geração. De acordo com Veem e Vrakking (2009) essa geração, constitui um grupo caracterizado por muitas peculiaridades e impõem grandes desafios aos educadores.

São considerados os filhos da tecnologia, por isso aspectos como a necessidade de mudança, a busca por um ambiente com um grande grau de interatividade, a necessidade de acesso rápido à informação dos mais variados assuntos e temas são características que geram um impacto direto no contexto educacional.

Segundo Sangiorgio (2011), o aluno que frequenta a universidade, atualmente, em sua maioria cresceu com hierarquias menos rígidas e com acesso rápido e fácil à informação, não respondendo de maneira positiva a um modelo educacional centrado no professor e/ou com estratégias convencionais. Ao analisarmos as mudanças ocorridas no perfil comportamental dessa geração com relação ao uso da tecnologia, e ao aumento da oferta do ensino à distância no cenário universitário brasileiro, é possível encontrar o problema de pesquisa que esse trabalho pretende debruçar-se: Quais as principais diferenças no perfil do aluno EAD relacionada ao aluno tradicional?

Tida como migrantes digitais, a nova geração tende a usar os recursos tecnológicos com maior frequência e naturalidade ao longo da vida, fator que pode contribuir com a sua adaptação às metodologias EAD. Com base neste novo perfil geracional, esta pesquisa busca analisar as principais diferenças no perfil do aluno EAD relacionada ao aluno tradicional.

**2 REVISÃO DA LITERATURA**

De acordo com Keegan (1991, p. 38), os elementos centrais dos conceitos de EAD são: (1) separação física entre professor e aluno, que distingue o EAD do ensino presencial; (2) influência da organização educacional (planejamento, sistematização, plano, projeto e organização rígida), que a diferencia da educação individual; (3) uso de meios técnicos de comunicação, usualmente impressos, para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos; (4) comunicação de mão-dupla, onde o estudante pode beneficiar-se da iniciativa no diálogo; (5) possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização; e (6) participação de uma forma industrializada de educação, potencialmente revolucionária.

Para Moore e Kearsley (2008) e Calini e Tarcia (2010), em termos gerais, a Educação a Distância é uma modalidade de educação na qual professores e alunos encontram-se em locais diferentes “durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem ou ensinam” (MOORE e KEARSLEY, 2008, p.1). Contudo, é importante ressaltar que o distanciamento físico entre os participantes “não implica em distanciamento humano” (VALENTE e MATTAR, 2007, p.19).

Uma vez que a educação sempre fez uso das tecnologias disponíveis de acordo com a época, os registros da EAD não são precisos. Moore (2013), por exemplo, explica o processo histórico da EAD a partir de cinco gerações: na primeira situam-se os cursos por correspondência; na segunda, os cursos por rádio e televisão; na terceira, os cursos oferecidos pela universidade aberta; no quarto a teleconferência e no quinto a internet/web.

Alguns passos dados importantes relacionados à modalidade foram: a implantação das escolas internacionais em 1904 e da rádio-escola do Rio de Janeiro em 1934, segundo Alves (apud Dias, 2010), a oferta do ensino por correspondência a partir das décadas de1930 e 1940, o qual foi explorado pelo Instituto Universal Brasileiro e pelo Instituto Monitor e intensificado nos anos seguintes com a possibilidade de educação de adultos (LINDEN, 2011).

Bizarria, Tassigny e Bezerra (2015) relatam que, no ano de 1979, a Universidade de Brasília (UnB) passou a desenvolver diversas ações em EAD, com apoio da Open University. Tais ações tomaram uma grande proporção e se institucionalizaram em 1989 por meio da criação da Coordenação de Educação Aberta e a Distância (CEAD) na UnB, momento de referência como lançamento da EAD no Brasil (AZEVEDO, 2012).

Vale salientar que a Universidade Federal de Mato Grosso e a Universidade Federal de Santa Catarina também foram precursoras da EAD no Brasil. Conforme pontua Santos (2011), essas instituições desenvolveram estudos sobre tecnologias e iniciaram cursos a distância em 1995.

Outras experiências de destaque foram: em 1990, a criação da Fundação Roberto Marinho, com a propagação de novas versões do Telecurso 1º Grau e o 2º Grau; em 1995, a criação da Rede Nacional de Pesquisas (RNP), favorecendo a EAD nas IESs; em 1999 e 2002, o credenciamento de várias IES para atuar com EAD; em 2000, a fundação da Universidade Virtual Pública do Brasil (UniRede); e, em 2006, a fundação da UAB (LINDEN, 2011).

O fato é que as Instituições de ensino a distância estão lentamente modificando a educação superior pelo menos de quatro formas (PETERS, 2003): em primeiro lugar, proporcionando educação superior para estudantes adultos (que trabalham); em segundo lugar, desenvolvendo e expandindo a educação profissional continuada, sem a interrupção da atividade profissional; em terceiro lugar, permitindo a admissão de um número maior de estudantes nas universidades; e em quarto lugar, melhorando o custo-benefício da educação superior.

Em função desse cenário marcado pelas dificuldades de acesso da população ao ensino formal e pelas altas taxas de defasagem de escolarização e de analfabetismo, decorrentes de uma carga horária de trabalho que impossibilita o investimento em educação continuada, de acordo com Corrêa (2007), a EAD tem sido uma alternativa de ensino/aprendizagem. Ela aparece cada vez mais como uma modalidade de educação adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial (BELLONI, 2009).

Para Bates (1997), uma das grandes vantagens oferecida por essa modalidade é a possibilidade de se gerar produtos customizados, ajustados e adaptados às necessidades dos clientes, possibilitando ganhos em tempo e adequação no atendimento a demandas específicas, que não estejam contempladas a contento em estruturas educacionais tradicionais.

Com vistas a atender tais demandas, o processo de ensino e aprendizagem é totalmente diferente na educação a distância. Segundo Peters (2004), a abordagem, os estudantes, os objetivos, os métodos, as mídias e as estratégias são distintos, assim como devem ser os objetivos da política educacional.

Uma vez que existem tais diferenças, torna-se adequado avaliar a modalidade de acordo com os critérios da educação face a face. Peters (2004) sugere diferentes modelos para EaD: (a) preparação para exame, (b) educação por correspondência, (c) multimídia (de massa), cujo ícone é a Open University, (d) em grupo, no qual as aulas são assistidas por grupos de alunos em classes, sem material impresso, sendo portanto quase presencial, (e) aluno autônomo, que tem a responsabilidade de selecionar conteúdos, estratégias e mídias, (f) rede, oriundo da transformação digital vivenciada atualmente, (g) sala de aula estendida tecnologicamente, e (h) híbridos.

Tais modelos devem ser utilizados para estimular a construção de sistemas instrucionais mais apropriados, visto que a universidade do futuro terá que combinar educação a distância, aprendizagem em um ambiente informatizado e aulas tradicionais (PETERS, 2004, p.83).

De acordo com o Censo EAD 2016 da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), os cursos mais procurados EAD que aparecem no ranking (ver tabela 1), são democráticos e acessíveis a qualquer nível da população.

Tabela 1 – Ranking doa cursos mais procurados

|  |  |
| --- | --- |
| ***Ranking* de cursos** | **Percentual (%)** |
| Pedagogia | 25 |
| Administração | 13,7 |
| Serviço Social | 7,4 |
| Ciências Contábeis | 7,2 |
| Gestão de Recursos Humanos | 6,9 |
| Educação Física | 3,5 |
| Processos Gerenciais | 3,5 |
| Logística | 2,8 |
| Letras | 2,5 |
| Gestão Pública | 2,4 |

Fonte: ABED (2016).

Um dos grandes desafios enfrentados pela EAD é que os alunos frequentemente não compreendem que precisam assumir uma grande responsabilidade por seu aprendizado e não esperar que o instrutor ou orientador os conduza (MOORE, 2013)

A evasão também é considerada uma barreira no que se refere a essa modalidade. Os relatos encontrados na literatura são enfáticos em afirmar que na EAD o nível de evasão ainda é bem maior do que o encontrado em cursos presenciais (TORRECILLAS e VARGAS, 2008).

Soma-se a isso o fato de que a produção científica acerca da EAD ainda é escassa na literatura nacional devido à sua recente regulamentação para o ensino superior, e ao fato das IES estarem começando a despertar para possibilidades trazidas pela modalidade de ensino, e para a necessidade de implementação da educação de qualidade, fomentando assim sua consolidação num ambiente cuja predominância é o ensino presencial (TEIXEIRA REIS, BARBOSA, CESAR e FONSECA JÚNIOR, 2014, p.3).

Ademais, conforme destaca Vieira (2011), há uma ausência da cultura de que no virtual o aluno real aprende, uma resistência ao novo, pouco uso dos recursos oferecidos pelas TIC’s (tecnologias de informação e comunicação) e a distância virtual que não permite focar “olho no olho” de quem aprende.

Esse distanciamento, por sua vez, segundo Magalhães, Coracini e Grigoletto (2006) interfere na formação da identidade dos discentes, visto que elimina as emoções e os sentimentos e isola os indivíduos, tornando-os cada vez mais sós com suas máquinas. Nesse contexto, as autoras veem a EAD como uma espécie de imobilidade que age sem se locomover, feita apenas com o simples movimento de mexer os dedos sobre o teclado ou sobre o *mouse.*

Por outro lado, nota-se que essa imobilidade também interfere na formação do discente. Ela influencia o processo de aprendizado, dando autonomia ao aluno e responsabilizando-o pela sua própria aprendizagem. Isto é, a EAD interfere na identidade do sujeito, na medida em que exige uma atuação mais dinâmica e crítica (SANTOS, PEREIRA e SOARES, 2010). Essa constatação é corroborada por Kleiman e Vieira (2006), quando destacam que apesar da noção de identidade parecer distante no campo da tecnologia, a atual tradição social tem considerado relevante o estudo dos impactos de novas tecnologias em todas as áreas.

Dessa forma, o sucesso no processo de aprendizado depende principalmente da postura adotada por esse aluno autônomo. É imprescindível que ele tenha (FILIPE, 2005): capacidade de organização, de planejamento dos estudos e de atendimento aos prazos para realização e postagem das atividades. Ou seja, é fundamental que o aluno possua autodisciplina.

Pallof e Pratt (2004) complementam essa observação, apresentando as qualidades determinantes para um aluno virtual ter sucesso em um curso a distância. São elas:

1. Conhecimento básico de internet: o aluno virtual precisa ter acesso a um computador e saber usá-los;
2. Interação com o grupo: o aluno virtual de sucesso tem a mente aberta e compartilha detalhes sobre sua vida, trabalho e outras experiências educacionais;
3. Possuir automotivação e autodisciplina: o aluno precisa ter a consciência que é o sujeito ativo responsável pela sua própria aprendizagem, pois é ele quem gerencia e organiza sua rotina de estudos.

Analisando o perfil do aluno EAD, pode-se inferir que o mesmo é protagonista do seu ensino/aprendizagem. Neste contexto, em relação ao aluno tradicional, o EAD é autônomo e dinâmico, características que o tradicional não exerce em sua essência (ver quadro 1).

Quadro 1 – Diferenças do aluno EAD e Tradicional

|  |  |
| --- | --- |
| **DIFERENÇAS DO ALUNO EAD E TRADICIONAL** | |
| **Aluno EAD** | **Aluno Tradicional** |
| Aprendizagem dinâmica | Aprendizagem rígida |
| Autônomo | Dependente da estrutura |
| Responsável pelo aprendizado | Não assume papel de protagonista |
| Tecnologia a seu favor | Preso a turmas homogêneas |

Fonte: elaborado pelos autores.

Essa geração de alunos EAD é marcada por jovens envolvidos na interatividade e com ambientes digitais. Tendo em suas características considerada a geração do computador em busca pela qualidade de vida e pela flexibilidade. Aspectos como a facilidade para desenvolver trabalhos em equipe, a facilidade de adaptação e a mobilidade também são elencados como características de uma geração informal, criativa, independente e inovadora.

As grandes transformações no mundo vêm proporcionando, de maneira muita rápida, o avanço das tecnologias, que transforma, de maneira definitiva, o acesso à informação (e as formas de aprendizagem) e às relações interpessoais (entre elas a relação professor x aluno), por isso torna-se um tema bastante relevante e atual que demanda maior aprofundamento acadêmico.

Observar as mudanças e comportamentos em relação à educação a distância permite refletir sobre ações, estratégias, tendências e desafios da EAD para os próximos anos.

**REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, D.R. de. **O aluno virtual**: Perfil e Motivação. Florianópolis, 2007. (Dissertação de Mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

AZEVEDO, J. C. A. Os Primórdios da EAD no Ensino Superior Brasileiro. In: LITTO, F. E.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a Distância.** O estado da arte, 2. ed., v. 2. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012.

BATES, Tony. **Restruturação do universe da tecnologia.** The Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, Londres, 1997.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância.** Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; TASSIGNY, M. M.; SILVA, M. A.; BEZERRA, A. B. **Da Trajetória da Educação a Distância ao Surgimento do Programa Nacional de Administração Pública** - PNAP: Apontamentos Históricos. In: Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2015, Belo Horizonte. IV Anais do Evidosol/Ciltec-online, 2015. v.4.

DIAS, Rosilânia Aparecida. **Educação a Distância**:da legislação ao pedagógico, *2010*.

KEEGAN, D. **Foundations of distance education.** Londres, 1991.

KLEIMAN, Ângela; VIEIRA, Josenia A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação (internet). In MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso.** São Carlos: Claraluz, 2006.

LINDEN, M. M. G. V. D. Histórico da Educação a Distância. In: DINIZ, Ester de Carvalho; VAN DER LINDEN, Marta Maria Gomes; FERNANDES, Terezinha Alves (Orgs.). **Educação a Distância:** coletânea de textos para subsidiar a docência on-line. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011. 204 p. Disponível em: Acesso em: 2 fev. 2017.

MOORE, Michel. **Educação a Distância: sistemas de aprendizagem on-line**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MOORE, M. e KEARSLEY. **Educação a Distância:** uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PALLOF, R. M.; PRATT, K. **O aluno virtual:** um guia para trabalhar com estudante *on-line*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PETERS, Otto*.* **A educação a distância em transição**: tendências e desafios. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância:** experiências e estágio da discussão numa visão internacional. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

SANGIORGIO, J. M. P.; MARIANA, G.; MOREIRA, F. S.; TANAKA, E. E. **Geração Y:** a motivação para construção do conhecimento. Revista da ABENO, v. 11, n. 2, p. 14-18, 2011.

SANTOS, J. V. V. Cronologia da EAD no Brasil. In: DINIZ, Ester de Carvalho; VAN DER LINDEN, Marta Maria Gomes; FERNANDES, Terezinha Alves (Orgs.). **Educação a Distância:** coletânea de textos para subsidiar a docência on-line. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011. 204 p. Disponível em: Acesso em: 2 fev. 2017.

SANTOS, R.C.G. dos; PEREIRA, T.D.; SOARES, R.A. A percepção e a receptividade dos discentes sobre o ensino semipresencial na disciplina de estatística, utilizando-se um ambiente virtual de aprendizagem em uma instituição de ensino superior privada.

***Parlatorium*: Revista Eletrônica da FAMINAS,** Belo Horizonte, 2010. Disponível

em: <www.faminasbh.edu.br/parlatorium/baixar.php?id=402>. Acesso em: 2 fev.

2017.

TEIXEIRA REIS, M.C.; BARBOSA, T.R.C.G.; CESAR, L.C.; FONSECA JÚNIOR, F.; A Legitimação da modalidade de educação superior a distância nas universidades federais mineiras: por uma EAD Institucionalizada. In: **EnANPAD** – XXXVIII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

TORRECILLAS, G.L.S.; VARGAS, M.R.M.; Educação a distância na administração e em outras graduações: A experiência de uma IES do Distrito Federal. In: **EnANPAD**, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

VALENTE, C. e MATTAR, J. **Second Life e Web 2.0 na Educação:** o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2007.

VEEM, W.; VRAKKING, B. **Homo Zappiens:** Educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009. 139 p